

75
Tissot, Henri Philippe

Os indígenas de Moçambique nos séc. XVI e XVII segundo os antigos documentos portugueses da época dos descobrimentos.

Sep. dos n.º 17 e 19 do Documentário Trinental Moçambique.

Lourenço Marques, 1939

que sam superstições; o 3º jurarem assoprando no rosto uns dos outros, este é seu juramento e não por Deus; o 4º quando morre o irmão d'algum seu filho tomar o outro irmão a mulher por sua; o 5º é dos botongas proprio que é circuncisão o qual dizem que lhes ficou de um mouro honrado que ha tempos foi ter por alli; mas elles não teem lei de mouro nem mais culto divino que os mocarangas, e falo dos botongas d'aquella terra de Inhambane e da praia que dizem caminho de Mocaranga.»

Nesta mesma carta pode ver-se a admirável devoção do primeiro mártir da África Oriental Portuguesa, no passo em que, antes de fechar a carta, escreveu:

«O padre André Fernandes e o irmão André da Costa ficam com sua ordem para ministrarem aquella nova igreja (...) pois que só me vou a Menomotapa, onde dizem que o diabo tem grossos gadanhos. Jesus Christo nos faça todos instrumentos dignos de salvação de suas almas.»

Partiu realmente, pouco depois, para o Monomotapa onde morreu em martírio, como numa descrição admirável nos conta o Padre Luiz Fróis, em carta para Goa com data de 15 de Dezembro de 1561.

O Padre André Fernandes ficara em Otongue, e a 5 de Dezembro de 1562 escrevia, de Goa, uma carta para «os charissimos em Christo irmãos da Companhia de Jesus em Portugal», carta em que encontramos uma mais minuciosa descrição da vida dos indígenas entre os quais êle vivera dois anos, suportando valentemente febres e grandes dificuldades. Eis alguns passos muito interessantes:

«É esta gente muito dada a prazeres de cantar e tanger. Seus instrumentos sam muitas cabaças liadas com cordas e um páu feito em arco algumas grandes e outras pequenas e as bocas a qual com uma casca de

mel silvestre apegam os buzios para que tomem bem e teem suas contra fabordões etc.

«Dam musicas de noite ao rei e a quem lhe dá alguma cousa e os que môres brados dam teem por melhores musicos.

«As cantigas que cantam commumente sam o louvor do a que cantam, s. «És bom homem porque uma vez me deste isto, outra estoutro e me darás mais».

«Duas sam muito continuas entre elles que sam, uma: «Abenezaganbuia», que quer dizer os portuguezes comem muitas cousas juntas ou muitas iguarias, porque elles não costumam comer mais que uma e enquanto comem não bebem nem quando bebem não comem, não por temperança, mas por costume.

«Ás vezes teem festa de beber que dura tres, quatro dias sem comerem. O seu vinho é de frutas do matto, e de toda maneira de mantimento que comem fazem que bebem a que sam muito afeiçoados e bebe um d'elles tanto como três allemães.

«E outra cantiga é: «Gonbe zuco virato ambuze capana virato» que quer dizer: a vacca tem couro para sapato e a cabra não tem couro para sapato, não porque elles andem calçados porque nenhum anda senão se tem os pés doentes debaixo, e se ha de andar por matto aspero então fazem umas solas de couro da vaca que poem debaixo dos pés liadas com umas correas.

«E seu bailar é representar os autos da guerra todos, assim cercos como ser cercados, batalhas campaes, vencer, ser vencidos, tomar lenha, agua por força, e assim o demais que em ella acontece e tudo muito proprio.

«E a maneira como se vestem para esta festa é a mais louçan que para nenhuma festa e para isto teem pennas de animaes, que não sejam muito largas, compridas com os rabos e atam-n'as de redor de si para que quando dam umas voltas sobre um pé que dam muito ligeiras, façam grande roda e quando sahem do posto um ou dois sahem com tanta ligeireza que é maravilha; e com o pé lançam areia tam alto que parece a quem o não

que fala uma só língua, embora com diferenças dialectais consideráveis.

A propósito de língua, é interessante notar que os poucos termos transcritos pelo Padre André Fernandes são nitidamente do bantu central — *gombe* é evidentemente *ngombe*, o termo chona para gado — e compreende-se porquê, em chope, grande número de palavras são do vocabulário central, ao lado de outras — *tchiundi*, pedra; *themvue*, campos — que são, provavelmente, duma língua que não é bantu e deixou nas línguas actuais do sul de Moçambique — *hu hania*, viver; *diambu*, sol — um rasto que não se encontra no vocabulário bantu usual. As investigações sérológicas realizadas pelo Dr. Elson Dew, em Joanesburgo, deram um valor novo a estes fenómenos lingüísticos. No meu recente livro «Bantu Heritage» fiz um resumo da situação.

O cântico intitulado «Abenezaganbuia» foi, talvez, mal compreendido pelo Padre Fernandes. Poderá interpretar-se assim: *A ba zanga da buia*, isto é: *êles não voltaram*; ou ainda *A ba nga dianga ba buia*: *êles não comeram outra vez* (segunda vez). Seja como fôr, a observação do autor a respeito do costume indígena é interessante: «Não bebem quando comem e não comem quando bebem». É um bem conhecido facto dos hábitos bantus.

Há outro termo indígena notável. Já em 1562 um observador inteligente não podia deixar de encontrar os milandos, mais rigorosamente *milandju*, essas disputas e processos familiares a todos os administradores da Colónia e que lhes tomam a maior parte do tempo. A descrição de milandos velhos de 400 anos não pode senão reforçar a convicção dos velhos colonos, de que nada há de novo no solo africano: «Estas demandas que teem entre elles . . . »

Examinemos agora mais de perto as observações do Padre André .

Fernandes, a respeito dos usos e costumes dos indígenas entre quem viveu dois anos.

1.º — Encontramos a mais antiga descrição do piano indígena, a *mbila* ou *muhambi*. Quando examinarmos em pormenor a *Ethiopia Oriental*, de Frei João dos Santos, acharemos indicações mais precisas. Mas quem tenha vivido entre os Bà-Chope reconhece imediatamente as particularidades da *mbila*:

«Sam muitas cabaças liadas com cordas e um páu feito em arco, algumas grandes e outras pequenas e as bocas a qual com uma casca de mel silvestre apegam os buzios para que tomem bem, e teem suas contras fabordões».

Descrevi em pormenor o fabrico do piano chope na revista *Bantu Studies* (Vol. III, n.º 3). O Padre Fernandes não deixou de notar que as caixas de ressonância do instrumento são hermèticamente fechadas por meio de *muhula*, cera de abelhas subterrâneas que tem justamente a consistência requerida. Notou, também, que o conjunto era concertado, cada nota tendo as «suas contras fabordões». Temos aqui uma prova completa de que o piano indígena é bem autóctone e que há 400 anos estava, provavelmente, tão desenvolvido como hoje.

2.º — As danças dos indígenas tinham já por objecto principal a representação dos altos feitos guerreiros, «os autos de guerra». Os dançarinos mimavam os estados de alma do vencedor e do vencido. E se Fernandes não apreciou a música (vivia na idade do cantochão e do contraponto), a dança interessou-o: «assim o demais que em ella acontece é tudo muito próprio». A ligeireza, a habilidade rítmica, as voltas e reviravoltas; o frenesi dos dançarinos que levantam uma nuvem de

manda matar (. . .). Estes ordinariamente andam gritando ao redor das casas e cercas d'el-rei, dizendo, inhama, inhama, que quer dizer, carne, carne, significando n'isto, que lhe mande o rei matar alguém e que lhe dê que fazer no seu officio de algozes.»

Há a notar aqui a palavra *inficis* que se aproxima de *foquis* — o termo hoje empregado pelos indigenas para designar um detective. Notemos, também, *inhama* (*nhama*) e toda a atmosfera da descrição que parece dar, há 300 anos, uma réplica exacta dos hábitos dos potentados Ngúni, como o Gungunhana — prova de que estes hábitos, tantas vezes julgados como particulares dos Zúlus, eram mais gerais, entre os Bantu, do que se crê. Note-se, ainda, que os *inficis* tinham já a machadinha típica — *santho*, *xizeze* ou *mthema* — e a maça — *xigombo*.

✕ «Tem este rei outro genero de cafres, a que chamam marombes, que é o mesmo que chocarreiros, os quais tambem andam gritando ao redor das casas reaes, com vozes mui desabridas, dizendo muitas cantigas e prozas, em louvor do rei, entre os quaes lhe chamam senhor do sol e da lua, rei da terra e dos rios, vencedor de seus inimigos, em tudo grande, ladrão grande, feiticeiro grande, leão grande e todos os mais nomes de grandeza, que elles podem inventar, ou sejam bons, ou maus todos lhe attribuem. E quando este rei sae fóra de casa, vai rdeado e cercado d'estes marombes, que lhe vão dizendo estes mesmos louvores com grandissimos gritos, ao som de alguns tambores pequenos, e de ferros e chocalhos, que ajudam a fazer maior estrondo e grita.»

É a descrição do *mbongi* e do *xitale xa tíco* dos Thongas, o lisonjeador e o bobo que meu pai observou e descreveu, êle também (*Moeurs et Coutumes des Bantou*, I, p. 395-399). Mas o grande interesse dêste passo de João dos Santos está em que hoje ainda existe,

entre os Vâ-Ndau, uma categoria de espíritos possessores chamados *màlombe* ou *màrombe*, cuja origem parece ligar-se, de modo especial, à gente da costa. Descrevi a cerimónia de propiciação que lhes é oferta, num artigo sôbre a possessão entre os Vâ-Ndau (in *Africa*, Vol. VII, N.º 3, p. 275). Estes lisonjeadores e bobos podem permitir-se tanto ditirambos como os insultos mais extraordinários, e podem, até, dirigir-se ao próprio rei com a mais impudente liberdade. Uma vez mais verificamos neste passo que os costumes indígenas pouco variaram durante os 300 anos decorridos desde que Frei João dos Santos os observou.

Quem quer que duvide da qualidade, sob aspecto científico, das informações que o autor da *Ethiopia* nos deixou deve ler atentamente as linhas que vamos transcrever e em que Frei João dos Santos nos apresenta os xilofonistas e os xilofones indígenas:

«Serve-se mais o Quiteve do outro genero de cafres, grandes musicos, e tangedores que não tem outro officio que estarem assentados na primeira sala do rei e á porta da rua e ao redor das suas casas, tangendo muita differença de instrumentos musicos e cantando a elles muita variedade de cantigas e prosas, em louvor do rei, com vozes muito altas e sonoras. O melhor instrumento, e mais musico de todos em que estes tangem, chama-se ambira, o qual arremeda muito aos nossos órgãos. Este instrumento é composto de cabaços de aboboras compridas, uns muito grossos, e outros muito delgados, armados de tal feição que ficam todos juntos, postos por ordem, os mais pequenos e mais delgados, que são os tipples, primeiro, postos da mão esquerda em revez dos nossos órgãos e logo após os tipples, se vão seguindo os mais cabaços, com suas vozes diferentes, de contraltos, tenores e baixos, que por todos são dezoito. Cada um d'estes cabaços tem uma bocca pequena feita na ilharga, junto ao pé e em cada fundo tem um buraco do tamanho de um patacão e n'elle posto um espelho,

feito de umas certas teias de aranha, muito delgadas, tapadas e fortes, que não quebram. E sobre todas as boccas d'estes cabaços, que estão eguaes, e postos em carreira, com umas cordas, de modo que cada tecla fica posta sobre a bocca de seu cabaço, em vão, que não chegue á mesma bocca. Depois d'isto assim armado, tangem os cafres por cima d'estas teclas com uns paus, ao modo de paus de tambor, nas pontas dos quaes estão pegados uns botões de nervo, feitos em peloiros, muito leves, do tamanho de uma noz, de maneira que tangendo com estes dois paus por cima das teclas, retumbam as pancadas dentro nas boccas dos cabaços, e fazem uma harmonia de vozes mui consoantes e suaves, que se ouvem tão longe como as de um bom cravo. D'estes instrumentos ha muitos, e muitos tangedores, que os tocam muito bem.»

Esta descrição, fiel nos mais pequenos pormenores, mostra bem o observador que Frei João dos Santos era. Há a notar com particular interêsse que nos instrumentos observados por êle a gama dos indígenas subia das notas baixas, à direita, para as altas, à esquerda. Hoje, todos os xilofones indígenas que encontramos são construídos em sentido inverso, conformemente aos instrumentos europeus. Por outro lado, parece que a gente de Quiteve empregava grandes instrumentos de 18 notas, construídos segundo o tipo hoje utilizado pelos Bà-Venda (v. a gravura XV do livro de Duggan Cronin sôbre os Bà-Venda). Não tinham diferenciados os quatro instrumentos que os Bà-Chope empregam: txilandzana, didole, dibinda e txiqhulu). Tem-se aqui, talvez, uma prova mais da origem Chona dos Bà-Venda.

Observa João dos Santos que as baquetas utilizadas para bater as teclas do xilofone são munidas, na extremidade, de «botões de nervo». Evidentemente, os europeus daquela época não conheciam ainda o cauchu (*mungo*) empregado pelos indígenas. Os meus leitores que desejem mais pormenores sôbre o xilofone chope encontrá-los-ão no artigo em inglês (*The mbila*

of the Chopi, in Bantu Studies, III, 3, p. 275-287), em que cuidadosamente descrevi a manufactura do xilofone e os costumes relativos.

Hoje, os Vã-Ndau não usam mais o xilofone, que está substituído pelo pequeno piano metálico de que vamos falar. Mas o facto de que o usavam, em larga escala, no século XVI, dá mais crédito ainda à idea de que em tempos muito antigos existia na costa de Moçambique uma raça humana provavelmente diferente dos Bantu e de que os Chopes são hoje os descendentes menos misturados. Para o desenvolvimento desta tese encontrar-se-ão numerosos elementos no meu recente livro *Bantu Heritage* (p. 4-10).

João dos Santos descreve nestes termos o pequeno piano metálico espalhado por todo o país Chona:

«Outro instrumento musico tem estes cafres, quasi como este que tenho dito, mas é todo de ferro, a que tambem chamam ambira, o qual em logar dos cabaços tem umas vergas de ferro, espalmadas, e delgadas, de comprimento de um palmo, temperadas no fogo de tal maneira, que cada uma tem sua voz diferente. Estas vergas são nove sómente, e todas estão postas em carreira, e chegadas umas ás outras, pregadas com as pontas em um pau, como em cavalete de viola, e dali se vão dobrando sobre um vão que tem o mesmo pau ao modo de uma escudella, sôbre o qual ficam as outras pontas no ar. Este, tangem os cafres, tocando-lhe n'estas pontas que tem no ar, com as unhas dos dedos pollegares, que para isso trazem crescidas e compridas; e tão ligeiramente as tocam, como faz um bom tangedor de tecla em um cravo. De modo que sacudindo-se os ferros e dando as pancadas em vão sobre a bocca da escudella ao modo de berimbau, fazem todos juntos uma harmonia de branda e suave musica de todas as vozes mui concertadas. Este instrumento é muito mais musico que o outro dos cabaços, mas não soa tanto e tange-se ordinariamente na casa onde está o rei, porque é mais brando e faz muito pouco estrondo.»

A *mbira* metálica d'esses tempos tinha apenas nove notas e tocavam-ná com os dois polegares. Hoje, muitas tribus desenvolveram a *mbira* e nalguns lugares a técnica foi aperfeiçoada, também, empregando os músicos o polegar e o indicador das duas mãos, com incomparável habilidade.

Entre os outros instrumentos de música, que chama «atroadores de ouvidos», descreve-nos João dos Santos a grande trombeta *parapara* e os tambores

«de que usam ao modo de atabales, uns grandes e outro pequenos que temperam e ordenam de maneira, que uns lhe respondem em tiple e outros nas demais vozes, ao som dos quaes cantam os mesmos tangedores, com vozes tão altas e desabridas, que atroam toda a terra onde cantam e tangedem.»



A fim de nos mantermos no essencial — para fazer justiça a Frei João dos Santos haveria que citar tudo — deixo de lado a descrição do ordálio e não anotarei senão de passagem a descrição física dos indígenas, suas habitações, sua alimentação e diversos outros costumes:

«Os mais d'estes cafres são pretos como azeviche, de cabelo crespo, e gentis homens e mais particularmente o são os macarangas, que vivem nas terras do Quiteve.»

A coroa de cera (*xidlodlo*) dos conselheiros não devia existir ainda, pois o penteado é descrito assim:

«Todos trazem a cabeça cheia de cornos por galanteria, os quaes fazem do mesmo cabelo, torcidos, e direitos para cima como um fuzo, e

Ào sul, achava-se a grande tribo dos Botongas. É interessante notar que o reino dos Abutua (Vu-Tsua?) é colocado por João dos Santos a sudoeste do reino do Monomotapa e a norte dum outro reino chamado Biri. Isto parece colocar os Tsua, hoje um dos grandes grupos da tribo Thonga, mais a norte do seu actual *hábitat*.

Quanto ao que respeita ao norte do Zambeze, deixo o exame da situação a pessoas mais competentes, esperando poder, um dia, estudar essa situação minuciosamente, se nenhum trabalho a esclarecer dentro de alguns anos.

Pode, entretanto, ver-se já que, a despeito de diferenças de pormenor, a demografia do território da Companhia de Moçambique era, no século XVI, sensivelmente a que hoje é.

2 — O estudo das palavras indígenas empregadas pelos velhos cronistas e por João dos Santos mostra bem que a língua falada no século XVI era o Bantu — e mais precisamente, mesmo: o Chona a norte, o Thonga-Ronga a sul. É inútil entrarmos aqui em pormenores que todo o lingüista poderá verificar. O facto mostra que, apesar das emigrações subseqüentes, a fisionomia lingüística do país é geralmente a mesma de há 300 anos. É possível que hoje a ortografia fonética seja mais clara e que o nosso conhecimento da gramática Bantu nos seja precioso. Mas a transcrição dos vocábulos indígenas por João dos Santos é bastante correcta para nos mostrar que a língua Ndau do século XVI era extremamente idêntica à dos dias de hoje.

3 — Todos os produtos da técnica indígena que conhecemos presentemente existiam já então. Embora o piano indígena, *mbila*, pareça ter sido, nessa época, construído pelo princípio da gama ascendente da

direita para a esquerda, ao contrário do princípio moderno da esquerda para a direita, todos os pormenores da técnica da *mbila* mostram que este instrumento se achava já plenamente desenvolvido. Temos, assim, prova indubitável da origem indígena deste notável exemplo de engenho humano.

Podemos observar, também, que o xilofone do norte, com as suas dezóito notas, era provavelmente diferenciado do do sul, na região vizinha dos Bà-Chope em que esteve André Fernandes. Com efeito, este último observou que cada nota tinha «as suas contrafaçõões». É provável que, ao sul, existissem já os quatro xilofones dos Bà-Chope.

Existia já também a *mbira* metálica. João dos Santos julgou mais bela e agradável a música da *mbira* que a do xilofone: «Este instrumento (*mbira*) é mais músico que o outro dos cabaços». É evidente que para o nosso ouvido europeu a música doce das *marimba*, *sanza* ou *deze chonas* (nomes actuais dos pequenos pianos metálicos) é mais agradável que o grande desenvolvimento polifónico das *timbila*.

As trombetas *parapara* e os tambores concertados, de que Frei João dos Santos nos não diz os nomes, existiam igualmente no século XVI.

Se passarmos às armas, verificamos que ao norte havia o arco e as flechas, de que se não faz menção no sul. Actualmente, os Vã-Ndau e os Bà-Chope empregam o arco, desconhecido entre os Rongas.

Por toda a parte havia azagaias, machados e machadinhas, prova de que os indígenas conheciam o ferro. Tinham, provavelmente, dificuldade na extracção e por isso lançavam-se pressurosos sobre todas as peças de ferro dos naufrágios. Parece, no entanto, que, visto existirem já «ferreiros», os velhos métodos de extracção do ferro que hoje encontramos, especialmente entre os Bà-Rgüè (Bá-Ruè) e os Bà-Venda, existiam já.